

MICHELET, DESESPERANÇA E FÚRIA NA IDADE MÉDIA: NASCE A FEITICEIRA

Agnaldo Wanderson Santos Rabelo¹

O objetivo principal dessa comunicação é mostrar os resultados parciais do projeto de pesquisa: Discurso e Método no Silêncio da Feiticeira², isto posto, a proposta deste texto é identificar e delinear como Michelet aborda a questão pertinente à origem da “Esposa do Diabo”, bem como apresentar de forma sucinta e coerente a obra *A Feiticeira (La Sorcière)*, de Jules Michelet, historiador francês do século XIX e como este historiador trouxe à tona a figura da Feiticeira, mostrando os discursos sobre ela (consultando amiúde os Manuais de “bruxaria” e lançando mão dos interrogatórios realizados pelos inquisidores). No que concerne a abordagem, será analisado o método usado pelo historiador com o propósito de apresentar o amadurecimento do autor que é evidenciado na maneira como ele utiliza as fontes de pesquisa, por conseguinte, se faz necessário elencar na comunicação quais fontes nutriu a pesquisa de Michelet compondo seu corpo documental, que resultou na presente obra do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria e Método – Historiografia Francesa.

Antes de versar sobre a “criatura” é essencial conhecer o “criador” para que o tema aqui proposto seja mais bem apreendido. Portanto é sumamente importante lembrar que a formação acadêmica de Jules Michelet não fora na área do que hoje se conhece enquanto História. Dessa forma, elencamos aqui alguns dos principais fatos da trajetória de Michelet que entre 1817 e 1819 realiza sua formação universitária (em seu tempo: bacharelado, licenciatura e doutorado) em Letras. Exerce seu ofício de professor

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

2 Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Orientadora: Ma. Maristela Toma.

dando aulas particulares até o ano de 1821, quando é nomeado para o Colégio Charlemagne. Contudo, a partir de 1830 o filho do tipógrafo Jean Furcy Michelet alça vãos mais altos quando é nomeado professor da filha de Luis Filipe, a princesa Clémentine e chefe da Seção Histórica dos Arquivos Nacionais. Com acesso aos documentos da nação que tanto amava Michelet lança em 1833 os primeiros tomos I e II da *Histoire de France*. O que seria considerada uma de suas maiores obras. Transcrever uma linha cronológica a respeito da vida de Michelet demandaria muito mais pautas que estas, os dados citados até aqui são como uma introdução para pensarmos não apenas a produção, mas que antes do lançamento de *Histoire de La Revolucionne Française*, *Histoire de France e La Sorcière (A Feiticeira)*, Michelet tivera desafios e privilégios.

Jules Michelet é conhecido pela sua parcialidade declarada. Um dos motivos que tende a criar espanto em quem crer que não é possível escrever História sendo parcial em sua abordagem. Esse questionamento do ser ou não possível não é tema deste texto, mas é um dos ingredientes presentes em toda e qualquer discussão que envolva Michelet. Outra característica nuançada tanto pelos textos a respeito de Jules Michelet como os de autoria do próprio historiador é seu nacionalismo. Ao escrever seu *Prêface à Histoire de France (1869)*, o historiador dos “silêncios da história” demonstra sua insatisfação com “tudo o que se escreveu no domínio histórico até ele. Ele quer uma história ao mesmo tempo mais ‘material’ e mais ‘espiritual’”. (LE GOFF, 1998, p. 102). Antes de esclarecer o objetivo de Michelet ao propor e desejar o matrimônio entre o material e o espiritual por parte dos na escrita e abordagem histórica, apresentamos os significados dos termos, a começar pelo que Michelet chama de material, ou seja, a história dos objetos o que em nossa época está inserida principalmente nos domínios da chamada História da Cultura Material responsável pelo “estudo dos objetos materiais e sua interação com os aspectos mais concretos da vida humana” (BARROS, 2010, p.30). O termo “espiritual” não é tão corrente atualmente, o que causa estranheza às vezes e leva o leitor a criar conexões errôneas com a História das Religiões. Ao usar a expressão “espiritual” podemos dizer que Michelet “pensava essencialmente nas idéias nacionais: um povo não vive somente de pão, mas também de idéias e de paixões”. (LE GOFF, 1998, p. 102). Essa característica, o sentimento aflorado pela França, engendrou um enaltecimento da nação francesa na historiografia micheletiana de forma patente e incontestável. Daí um dos traços do romantismo francês nas obras de Michelet, conhecido

quase que em regra geral pela alcunha de “o historiador romântico”. Ditas essas palavras, que objetivaram revelar um pano de fundo sobre a vida, as produções e o tempo do qual Michelet era filho, iniciamos agora nossa discussão sobre a temática proposta para esta comunicação.

1. A historiografia micheletiana.

Como apresentado anteriormente, a alcunha de Michelet como “historiador romântico” é tão presente nos textos, artigos e/ou livros de comentadores que abordam suas obras que cria nos leitores iniciantes das produções historiográficas micheletianas duas sensações: a) que Jules Michelet fora o único historiador romântico e; b) uma incerteza quanto ao próprio ofício de Michelet. Esses dois aspectos aqui sublinhados poderiam ser multiplicados por outros que são engendrados pelo desconhecimento do que significa o título simbólico de “historiador romântico” pertencente à Michelet. Sendo assim, ao tratar da historiografia micheletiana é preciso apresentar (ainda que de forma sucinta) que foi a escola Romântica do século XIX a fim de evitar interpretações errôneas a respeito do fazer historiográfico de Jules Michelet.

Ao situarmos Michelet no que hoje se conhece enquanto Historiografia Romântica se pressupõe a existência de uma correlação com a literatura romântica. A despeito de comumente pensar o romantismo como movimento artístico (nesse caso, literário), é assaz perigoso reduzi-lo a isso. Ou seja, o romantismo marcou não apenas com tinta as folhas do século XIX, mas abrangeu toda sua época, influenciou a cultura e a sociedade francesa novecentista. Ao olhar para as turbulências enfrentadas pela França, Michelet tem sua escrita influenciada pelos ideais do romantismo: o nacionalismo, o medievalismo e a crítica social. Para Febvre (1995) tudo o que Michelet trouxera de novidade para o campo da história só foi possível devido a duas revoluções, primeiramente graças à Revolução Francesa de 1789 e à revolução na seara das letras: o romantismo.

De certa forma, com algumas distinções no enfoque, outros intelectuais e historiadores concordam com a idéia da tênue ligação entre Revolução Francesa e romantismo presentes não apenas nas obras micheletianas, mas nos demais historiadores

e literatos franceses deste período. Para Gèrard (1970, p.49) a “visão romântica da história devia parar fascinada diante da revolução”. Outra característica elencada neste texto a respeito da influência do romantismo na historiografia micheletiana é o medievalismo, Hobsbawm destaca a importância deste componente nas obras dos historiadores românticos, salientando que na França o olhar não estava essencialmente na hierarquia feudal “mas sim sobre o povo, eternamente sofrido, turbulento e criativo: a nação francesa sempre reafirmando sua identidade e sua missão. Jules Michelet, poeta e historiador, foi o maior destes medievalistas democrático-revolucionários” (HOBSBAWM, 1979, p. 287)

Michelet proferia que o romantismo o esquecera, fato que ocorrera provavelmente enquanto ele estava nos arquivos a fim de extrair a voz dos documentos e transformar em história, sem esquecer-se do tom poético e dos seus encantos pela filosofia. Michelet ao tentar defender-se das críticas de que ele “não escrevia história” e sim literatura (crítica ainda presente nos dias atuais) afirma ter sido esquecido pelo romantismo, isso é inverossímil. Até aqui foram apresentadas algumas das características deste movimento nas produções de Michelet, se o tema desta comunicação fosse sobre a *historiografia micheletiana e o romantismo* aprofundaríamos nossa discussão a fim de revelar que Michelet foi sim um “Historiador Romântico”, no sentido pleno do título. Percebe-se que no bojo das críticas ao estilo micheletiano de escrever sobre suas abordagens está à questão que norteia o projeto que originou esta comunicação: é possível arte e ciência caminharem juntas em prol da escrita da história?

2. Considerações sobre a obra: A Feiticeira.

Atualmente há três versões de *La Sorcière* no mercado editorial brasileiro, é saudável lembrar que a versão usada tanto para fins do projeto como desta comunicação é a publicada pela Editora Nova Fronteira (1992). A escolha por esta edição foi baseada em dois critérios específicos: o de proximidade com a obra original e o menor número de problemas (tradução, cortes, notas etc.) em relação a versão em francês. Feita essa breve consideração sobre as edições de *La Sorcière (A Feiticeira)* no Brasil iniciamos nossa discussão sobre o presente livro.

Em 1862 Michelet publicou a obra historiográfica: *A Feiticeira*. Inicialmente a editora Hachette seria a responsável pela publicação da presente obra, contudo, a editora espantou-se com o teor da abordagem de Michelet e desistira do projeto, destarte, a editora Hetzel assumiu o compromisso e publicou esta obra. Tal fato, a recusa da Hachette no que respeita a publicação de *La Sorcière* serve como um abre-alas no intuito de compreendermos o que significa e o que significou A Feiticeira enquanto produção historiográfica. Neste livro parece não haver uma linha fronteira entre Literatura e História. Apenas parece. O estilo literato de Michelet mais uma vez salta aos olhos nessa obra, não poderia ser diferente quando evocamos a formação acadêmica de Jules Michelet, logo criticá-lo por seu estilo e questionar se sua obra, em nosso caso A Feiticeira, é ou não uma produção historiográfica descartando o passado e a vida deste historiador é uma atitude irresponsável por parte de quem o faz.

Nas Notas de Esclarecimentos, escritas por Michelet a fim de situar o leitor no que concerne às fontes que ele usou e os caminhos por ele trilhados para construir argumentos sólidos que fundamentassem sua obra, está presente o objetivo central de *La Sorcière*. “Todo o objetivo de meu livro era apresentar, não uma história da feitiçaria, mas uma fórmula simples e forte da feiticeira, que meus sábios antecessores obscurecem pela própria ciência e o excesso de detalhes”. (MICHELET, 1992, p.24). Fica evidente nas palavras de Michelet que seu intuito não era versar sobre a feitiçaria e suas práticas, ainda que isso fosse alcançado pela sua abordagem não era o foco de Michelet, seu foco é outro e por isso decide “partir, não do Diabo, uma entidade oca, mas de uma realidade viva, quente e fecunda: a feiticeira”. (MICHELET, 1992, p.24). Seu ponto de partida é a mulher, o sujeito histórico. É a ausência que move Michelet, ausência de explicações coerentes, daí sua crítica a seus antecessores, que a seu ver contentaram-se com explicações pouco convincentes no campo histórico.

2.1. A estrutura.

A Feiticeira está dividida em dois livros, ou como costumamos dizer: duas partes. O Livro Primeiro inicia-se com o capítulo: “A Morte dos Deuses” e termina no décimo segundo capítulo: “Desfecho. O amor. A morte. Satã desaparece”. É curioso notar que o Livro Primeiro inicia e termina com a morte. Porém, essa morte está além do âmbito físico, ela simboliza a morte de uma ordem e o nascer de uma era diferente,

com deuses distintos e configurações próprias desse “novo” tempo que nasce. Nesta parte da obra, a primeira, é que Michelet apresenta a sociedade, o ambiente, os ritos cotidianos dos medievos. Na construção desse cenário desfilam os “deuses pagãos”, as fadas, os duendes o camponês e sua esposa. O risco de passar por fabulista, não assustou Michelet, e sobre esse risco versa em sua tese a Dr^a Maria Juliana Teixeira (2005) com propriedade. O risco assumido por Michelet fora feito com consciência, afinal, este “sabe o que vai acontecer no decorrer de sua narrativa histórica, porque já tem na cabeça o conhecimento dos fatos reais que ocorreram”. (WILSON, 1987, p.23).

Além do domínio de Michelet sobre seu tema está o fato dele revelar como esses seres dos contos de fadas, ou para ser mais preciso: das mitologias, estavam ligados com os medievos. Dito de outro modo, não ocorre no Livro Primeiro um desfile de entidades mitológicas aleatórias, mas sim, uma apresentação dos seres que ofereciam alento às pessoas da Idade Média. Michelet extrai desses discursos o que há de histórico. Ou no mínimo aquilo que pode ser usado pela História como fonte, todavia, o dispositivo lendário será abordado posteriormente no tópico específico que concerne ao método e às fontes. Apesar da presente comunicação tomar como base os dez primeiros capítulos do Livro Primeiro, apresento algumas características do Livro Segundo que compõe e completa a obra *La Sorcière* tendo em vista a oportunidade ímpar de trazer à superfície uma discussão sobre a obra, considera-se que para tanto é preciso delinear, ainda que minimamente, as características da presente obra micheletiana, tanto no que concerne às suas especificidades de ordem teórica como no que tange à sua estrutura.

Como foi dito, se o leitor de *A Feiticeira* se depara nos primeiros capítulos do Livro Primeiro desta obra com lendas, contos e fábulas, no Livro Segundo os documentos como: manuais dos inquisidores, interrogatórios das vítimas e textos eclesiásticos sobre a feitiçaria são os responsáveis por levar o leitor a uma nova atmosfera apresentada por Michelet. A mudança é notória tanto nos documentos que endossam a narrativa da obra como nos sujeitos e personagens desta parte do livro. Para exemplificar: a feiticeira da primeira parte do livro era a esposa de Satã, a desejada por ele, a mulher que se rebelou contra a ordem religiosa vigente, nesta segunda parte (que aqui também chamamos de Livro Segundo a fim de manter uma coerência com a edição da obra utilizada nesta comunicação) não é mais a mesma feiticeira, sacerdotisa

do povo e dos campos, mas sim a filha, essa não tem mais o mesmo furor de sua antecessora. Os documentos apontam para outro sujeito que é fruto desse novo tempo:

Então surgia a jóia delicada do Diabo, a pequena feiticeira. [*grifo meu*]. Concebida da Missa Negra em que a grande desapareceu, floresceu em malícia, em graça felina. Era toda o inverso da outra: fina, oblíqua, dissimulada, a deslizar mansamente, encolhendo os ombros. Nada de titânico, por certo. Longe disso, de natureza baixa. Lúbrica e cheia de maus apetites desde o berço. (MICHELET, 1992, p.137).

A descrição realizada por Michelet da pequena feiticeira está presente no primeiro capítulo do Livro Segundo: Feiticeira da Decadência. Satã Multiplicado, Vulgarizado. Ele ainda realça mais características sobre a filha do sabá:

Criança ela emporcalhava tudo. [...] Com ela a feitiçaria será não sei que cozinha de não sei que química. Desde cedo, ela manipula sobretudo as coisas repugnantes; hoje drogas, amanhã intrigas. É esse – os amores, as doenças – o seu elemento. Será uma refinada mediadora entre amantes, hábil, atrevida, intuitiva. Haverão de combater-la por pretensos assassinios, pelo uso dos venenos. Erroneamente. Ela tem pouco o sentido dessas coisas, pouco gosto pela morte. Sem bondade, ama a vida, ama curar, ama prolongar a existência. É perigosa em dois sentidos: venderá receitas de esterilidade, por outro lado, de imaginação desregrada, libertina, de bom grado ajudará a queda das mulheres com suas beberagens malditas, gozará com os crimes de amor. Ah, como essa é diferente da outra! (MICHELET, 1992, p.137)

O foco agora está sobre a “pequena feiticeira”. As fábulas e contos ficam cada vez mais para trás, agora Michelet debruça-se sobre fontes diferentes para versar sobre a “filha do Diabo”. O Livro Segundo é composto de doze capítulos, tendo seu ápice nos três últimos capítulos, aonde o leitor é envolvido pela narrativa realizada por Jules Michelet no que concerne a tênue e ilícita relação entre o jesuíta Girard, que era “um homem de 47 anos, alto, seco [...] era um pouco surdo, sujo e escarrava por toda parte” e a jovem Cadière.

3. DAS CINZAS À VIDA: MICHELET E SUA ABORDAGEM.

Inerente ao desafio de investigar a origem da feiticeira e de sustentar sua hipótese Michelet tinha consciência da necessidade de uma abordagem que abarcasse não apenas seu enfoque, mas que fosse conciso e coerente. Dito por outras palavras, era necessário um método de abordagem que justificasse não apenas a questão levantada por Michelet, mas um método que não cederia com as primeiras críticas. Por isso que as Notas de Esclarecimentos presentes nesta obra é de suma importância no que visa compreendermos a preocupação de Michelet com a legitimação de seu livro, ou seja, com a aceitação dos resultados propostos por ele concernente à problemática da origem da feiticeira. É cediço que intrínseco ao “modo de escrever história” está a “forma de fazer história”. A historiografia caminha junto com o método e com a metodologia. Destarte, neste momento é preciso pensar sobre o método micheletiano.

3.1 DO CEMITÉRIO AOS ARQUIVOS: MICHELET E OS SEUS MORTOS

O desejo que Michelet nutria de “ressuscitar os mortos” está presente tanto na sua concepção de História quanto em seu método histórico. Ressurreição, palavra tão recorrente na vida de Michelet quanto a morte. Quando se pretende entender a historiografia micheletiana não há como separar a morte deste empreendimento, assim, para depreendermos sobre as obras micheletianas é necessário conhecermos seu amor pela morte. “A morte. A grande nostalgia de Michelet adolescente, de Michelet homem feito, de Michelet envelhecido”. (FEBVRE, 1995, p. 111). Esse amor típico dos pré-românticos e dos românticos preencheu páginas consideráveis do *Journal* de Michelet:

Se me decidisse, cedo ou tarde... a resumir as lembranças da minha existência individual, tomaria por centro, por texto, por teatro, Père-Lachaise... esse teatro admirável da vida e da morte, onde os túmulos estão emoldurados nas rosas, onde o silêncio alterna com o rouxinol, o luto com o amor. O Père-Lachaise, este lugar a um só tempo tão encantador e tão trágico. (MICHELET *apud* FEBVRE, 1995, p.112)

O Père-Lachaise (cemitério) não era o único local onde Michelet encontrava os mortos, e onde ele refletia sobre eles:

Nas galerias solitárias dos *Archives* por onde eu errei por vinte anos, nesse profundo silêncio, os murmúrios vinham, no entanto, aos meus ouvidos. Os sofrimentos longínquos de tantas almas sufocadas nas suas velhas idades queixavam-se em voz baixa... Com que te divertes? Sabes tu que os nossos mártires depois de quatrocentos anos te esqueceram?... Foi na firme crença, na esperança na justiça, que eles deram a vida. Teriam o direito de dizer: História, conta conosco! Os teus credores te ordenam! Nós aceitamos a morte por uma linha tua! (MICHELET, 1869)

Para compreender Michelet é indubitavelmente essencial que se entenda o *sentido da morte* para ele.

3.2 O MÉTODO MICHELETIANO.

Atribui-se (também) a Michelet o anseio por uma história que fosse uma história total. O projeto micheletiano de “ressuscitar integralmente” o passado é marca característica da historiografia de Michelet o que rendeu (e ainda rende) críticas contundentes a este desejo, principalmente no que diz respeito à possibilidade de sua concretização. Historiadores como: Febvre, Le Goff e Edmund Wilson, versaram sobre aquilo que poderíamos chamar de *método micheletiano*. Com o intuito de esclarecer mais sobre as características do método que Michelet usa em sua abordagem é que evocamos o que disse Lucien Febvre a respeito. Ele inicia por afirmar que esse método é totalizante porque

não atribui ao historiador a tarefa de fazer reviver uma ou outra das atividades múltiplas em que se exercitam os homens, a atividade política por exemplo, ou política, ou jurídica, ou religiosa. Tudo que é do homem é importante para a história; tudo o que os homens criam é objeto da história é matéria da história: quer se trate das constituições políticas, quer se trate das igrejas, das religiões ou das filosofias, das

criações artísticas ou das produções literárias, das atividades econômicas ou das descobertas científicas (FEBVRE,1995, p.122).

Febvre continua e destaca um segundo aspecto do método micheletiano: ele é sintético.

É *sintético* porque não seria suficiente aos historiadores estudarem separadamente a história política, ou a história jurídica, ou a história artística – cada um deles mergulhado na sua especialidade e desinteressando-se inteiramente pela do vizinho. Tudo que é do homem deve ser estudado em conjunto. Porque não há uma única obra do homem que não reaja sobre todas e sobre cada uma das obras do homem. (FEBVRE,1995, p.122).

Para Febvre, o sentido do termo *sintético* assemelha-se ao do sentido que esta palavra tem entre os trabalhos do químico. Contudo, ele adverte que “Michelet [...] não emprega essa palavra” mas que “tal palavra pode-se dizer Michelet já tinha no pensamento”. (FEBVRE,1995, p.122).

3.3 NO RASTRO DA FEITICEIRA.

Em *La Sorcière* Michelet lança mão de seu método a fim de soprar vida na feiticeira. O trabalho é extremamente árduo tendo em vista dela restou apenas cinzas. Se no Gênesis do Pentateuco Deus sopra o fôlego da vida nas narinas de Adão após formá-lo do pó, em *La Sorcière* Michelet traz à vida a Feiticeira após seguir seus rastros e juntar as cinzas que o vento espalhou no espaço e no tempo. Essa metáfora é o ponto de partida para pensar sobre as fontes que Michelet lançou mão em sua abordagem que compõem.

Dito isto, elencamos algumas das principais fontes que Michelet utilizou para endossar seu corpo documental e assim traçar todas as vias possíveis que foram trilhadas pela Feiticeira. Não há dúvida o quão patente é que Michelet aciona enquanto fonte o *dispositivo lendário*. Ao concordarmos em colocar Michelet em seu devido tempo podemos ter uma idéia do que significou essa atitude de tomar o mito como fonte. Ao fazer isso, Michelet sabia que encontraria rastros da feiticeira, negligenciados por seus predecessores, dito de outro modo, ele sabia que por trás dos ornamentos do discurso lendário sobre a feiticeira, amiúde produzidos por monges, estava um corpo

sólido, vívido e silencioso. Michelet ao lançar seus olhos sobre o lendário o faz ciente das críticas que tal atitude poderia causar, mas isso não o abala, pelo contrário, ele adverte “que seu tema é como o mar e só mergulhando dentro dele para compreendê-lo”.(MICHELET, 1992, p.09)

Destarte, outras fontes serviram de fulcro para a escrita da obra *A Feiticeira*. Os Manuais dos Inquisidores por exemplo figuram entre as fontes consultadas por Michelet. Esses são evocados ao longo da obra em questão. Está presente o *Formicarius*, de Nider; o *Lucerna*, de Bernardus e *Malleus Malleficarum* de Sprenger e Kramer. Segundo o próprio Michelet (1992, p.32) esses manuais “passou e repassou várias vezes por suas mãos”. Esgotando assim o que ele chamou de “tolices dos dominicanos”. Dentre os manuais citados salienta-se o *Malleus*. É necessário lembrar que os chamados tribunais laicos não abriram mão da consulta a esses manuais. Dessa forma, os pesos das sentenças proferidas contra as feiticeiras traziam consigo as orientações dos inquisidores da Igreja, entre eles: Sprenger e Kramer. O *Malleus Malleficarum* traz em seu bojo questões pertinentes para o estudo das heresias na Europa. O que salta aos olhos nessa obra é o “batismo” das bruxas. Tal ato era concretizado, segundo os inquisidores, com a copulação das feiticeiras com o Diabo. Além disso, seus autores deixam claro que aqueles não acreditassem na existência das bruxas eram hereges. Neste manual a mulher é apresentada como “mais carnal” que o homem, símbolo da vaidade e da fraqueza. Contrapondo o *Malleus* com *A Feiticeira*, é notório que Michelet faz o papel de “Advogado da filha do Diabo”. Muito provavelmente ao submetermos o *Malleus Malleficarum* a uma análise em nosso contexto atual, lograremos resultados diferentes dos alcançados por Michelet no século XIX. Os processos inquisitoriais, tão importantes na construção desta obra, têm destaque na segunda parte deste livro.

4. A DESESPERANÇA E A ORIGEM DA FEITICEIRA.

Ao olharmos para as fontes usadas por Michelet na construção de seu projeto de ressuscitar a Feiticeira nos indagamos qual a tese principal de sua análise. Michelet parte do pressuposto que a Feiticeira tem sua origem no tempo da desesperança. Destarte, ao afirmar que a mulher que ao sofrer essa metamorfose o faz devido ao tédio, à fúria e falta de esperança, Michelet defende a idéia de que a mulher alcançou o que

poderíamos chamar de “estado de feiticeira” devido a sociedade doente, mergulhada em ódio e ganância em que ela vivia. Essa fúria, presente no título deste texto, é assim evidenciada por Jules Michelet: “em certas épocas, mediante a simples menção da palavra *feiticeira*, o ódio matava quem bem queria. Ciúmes de mulheres e cobiças de homens lançavam mão dessa arma tão cômoda.” (MICHELET, 1992, p.31)

Todavia, se a Feiticeira tem sua origem na desesperança, qual a origem desta última, a desesperança? Essa fora gerada pelo mundo da Igreja. Com ênfase sem igual diz Michelet: “A feiticeira é seu crime”. (MICHELET, 1992, p.35). A Igreja exercera papel preponderante na edificação do maior flagelo que assolou os séculos da Idade Média: a monotonia e o tédio. Assim via Michelet essa Idade Média. A incerteza da condição do indivíduo também exercia sobre eles o sentimento de desespero. Hoje o camponês é livre, planta e colhe ao pé da colina, amanhã ele é servo, deve tudo ao seu senhor. A mulher que mesmo ao rezar para a Santa Virgem não esquecia de deixar o leite para o gênio do lar, quando ver a Igreja condenar sua prática e declarar que eles, os gênios, os duendes da terra e até mesmo a Alva Estrela são demônios, tem a sensação de desamparo, pois os anjos insípidos não se parecem em nada com ela. Esses fatores, entre outros que encontramos no mar de Michelet, são responsáveis por atenuar nos lares medievos a desesperança e o tédio. Em especial na mulher. Tudo a aproxima de Satã.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi evidenciado ao longo desta comunicação, a obra *A Feiticeira* de Jules Michelet é sumamente importante para compreendermos como esse historiador do século XIX alia em sua abordagem arte e método. Ou seja, está presente nesta obra o matrimônio celebrado por Michelet entre Literatura e História. É notório que a fim de explicitar sua tese sobre a origem da “Esposa do Diabo” Michelet usa de artifícios do chamado discurso literato, o que ocasiona um maior envolvimento tanto do autor (que por vezes se confunde com o narrador) como do leitor na trama. Apesar disso, *A Feiticeira* é sem dúvida alguma uma obra historiográfica, resultado de uma investigação delicada, audaciosa e original. Calcada em um método e em uma concepção de História. Por fim, é intuito de Michelet separar as cinzas da Feiticeira das cinzas das fogueiras acendidas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, José D'Assunção. O Campo da História. Petrópolis:Vozes. 2010. p.222

FEBVRE, Lucien . **Michelet e a Renascença** . Tradução: Renata Maria Parreira Cordeiro - São Paulo, Editora Página Aberta/Scritta, 1995, p.455

GÉRARD, A. **A Revolução Francesa: mitos e interpretações**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

HOBSBAWM, E. J. **Ecos da Marselhesa: dois séculos revêem a Revolução Francesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. A era das revoluções: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LE GOFF, Jacques, 1924. . **Uma vida para a história: conversa com Marc Heurgon**. São Paulo: UNESP (FEU), 1998. 269p

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 276

TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. **A Profetisa e o Historiador: O pensamento em imagens de Jules Michelet**. Orientadora: Lucia Castello Branco. 2005. 275 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2005.

WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.4 70.